MADEIRO
Fólios de Poesia I

TÍTULO
Madeiro – Fólios de Poesia I

AUTOR
Vários

COORDENAÇÃO
André Oliveirinha / Pedro Salvado

APRESENTAÇÃO
Pedro Salvado

FOTOGRAFIA
Arquivo CMP

DESIGN GRÁFICO
Vítor Gil

DEPÓSITO LEGAL
477941/20

ISBN
978-989-99016-9-8

IMPRESSÃO
FIG - Indústrias Gráficas, SA.

TIRAGEM
500

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Penamacor / 2020

MADEIRO

Fólios de Poesia I

MUNICÍPIO DE
PENAMACOR

NOTA PRÉVIA

O Madeiro é uma das tradições mais enraizadas no concelho de Penamacor, onde os jovens esperam ansiosamente , desde crianças, pelo "seu ano", no qual irão dar continuidade à herança deixada pelos seus ancestrais e perpetuá-la no futuro. Por este facto, este livro ganha redobrada importância e assume-se como mais um contributo para a preservação e divulgação desta tradição natalícia que une e atravessa gerações, não só em Portugal mas também na vizinha Espanha, onde *nuestros hermanos* realizam as suas Fogueiras de Natal. Esta edição "Madeiro - Fólios de Poesia I", que o Município de Penamacor decidiu apadrinhar desde a primeira hora, tem contributos de poetas dos dois lados da fronteira, provando, mais uma vez, que é mais aquilo que nos une do que aquilo que nos separa. Aliás, é neste sentido que, no nosso entender, se projeta o futuro: de mãos dadas, construindo uma sociedade melhor nos nossos territórios, divulgando a nossa cultura e preservando as nossas tradições. No Município de Penamacor continuaremos garantidamente a trabalhar na construção desse caminho, com a certeza de que manteremos viva a tradição por muitos e longos anos, assumindo orgulhosamente o título de Maior Madeiro de Portugal.

António Luís Beites Soares

Presidente da Câmara Municipal
de Penamacor

MADEIRO: ENTRE A CINZA, O VERDE

Os fólios deste caderno firmam, em sílabas de fraternidades poéticas, vozes e sentidos que envolvem de significantes, de temporalidades e de geografias, mais próximas ou mais longínquas, a palavra madeiro.
Matéria de luz e olfato, modelada pelo fogo em solidificações efémeras e cambiantes, o madeiro demarca uma cronologia, afirma fronteiras do corpo e do espírito, enraíza e agrega uma comunidade.
O lenho, xílon, é o pedaço de uma árvore que pereceu e que o fogo revitalizará. Com a cinza, um dia rebentará de novo à vida, cumprindo-se o seu sentido orgânico, íntimo, que consegue ligar os quatro elementos e os cinco sentidos. O fogo é matéria de transformação libertadora, não domável. O madeiro é um átimo de união entre o fragmento-lenho de vida e a veloz chama criadora. Gaston Bachelard escreveu um dia que «Se aquilo que se modifica lentamente se explica através da vida, o que se modifica depressa é explicado pelo fogo. O fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive no nosso coração. Vive no céu. Sobe das profundezas da substância e oferece-se como o amor. Volta a tomar-se matéria e oculta-se, latente, contido, como o ódio e a vingança. Entre todos os fenómenos, é ele realmente o único que pode aceitar as duas valorações opostas: o bem e o mal. Brilha no Paraíso. Arde no Inferno.». E esta junção de palavras e de metáforas circula e liga-se a todas as linhas que se interpenetram entre as árvores, o fogo, os homens e os seus ritos, numa cartografia de estratigrafias, de osmoses e de olvidos que, num conjunto já esquecido, acordam nomes de deuses e de ritos como São Dásio, Marduk Saturnálias, ... O Madeiro é o quente, ancestral e mutante cenário

de todos os mistérios que evocam os pagãos romanos ou o luminoso Mitra, deus da antiga Pérsia. A Igreja conseguiu, com regozijo, que os vitais ramos das árvores da vida, as luzes de encantar e as oferendas fossem subtraídas a Saturno e oferecidos ao Menino de Belém, numa ansiada certeza de renascimento diante da constatação da circunstancialidade da existência terrena. O cristianismo adaptou este ancestral calendário de esperança e de renovação. Na velha Ibéria, o Madeiro, a fogueira da noite de Natal, de que o de Penamacor é um extraordinário exemplo, constitui hoje um momento transfronteiriço da comunidade e da imagética da sua memória numa «tessitura de relações entre os vivos e os mortos e em que estes consolidam a profundidade temporal e a permanência», como notou Joaquim Pais de Brito. O fogo doce do Natal une e lembra a memória, aquece-a, renova-a, desperta-a, religa-a, lembra-a. Lembrar é «voltar a fazer presente». O Madeiro também recorda, *Re cordare* significa «voltar a passar pelo coração». E, no tempo do Madeiro, regressamos sempre ao lugar do coração.

Pedro Miguel Salvado

Fólios de Poesia I

Aurelino Costa

SORTES

Em pele e pouco osso
foi assim mesmo
que ficou entre as mãos

serigaitou para o cimo
e encolhido ali ficou
o menino

Ao toque do sino
se ergueu a vila
num madeiro que havia
purificando o corpo
e o pecado

Na ânsia da luz:
- Lalém em Penamacor
- Lalém, lalém...

E o passarinho cantou
ao menino, piu, piu
não vou arder

e voou

António Salvado

O MADEIRO

Desde as origens que ele atiça a vida
a rutilar, sereno, de fervor
e, esmo encantamento, a seu redor
a noite, é feita p´la manhã surpreendida.

Aquele tronco é música dum hino
erguido ao céu em gesto d´harmonia,
cantado pela voz dum peregrino
que veio comungar dessa alegria.

A espreitar, prolonga a natureza
que lhe deu forma assim eternamente
e tece novos hinos de pureza
com qu´envolver a Terra para sempre.

E atinge um espaço, dele vencedor,
de vários coloridos e d´esperança
esse tronco feliz que o mundo alcança
num perene existir de luz, calor.

FUEGO SALVÍFICO

Me llenaré de sol
para ahuyentar el lado oscuro
que perturba vuestros días.

Mi carnalidad
se hará incandescente
con el fin de iluminarles hoy,
y también mañana...

Fuego salvífico seré,
llama que no quema,
Palabra cumplida
tras neolíticos inviernos.

Así tendrán
claridades inauditas
alrededor del corazón.

UMA CHAMA DE ALGUÉM

Tenho uma chama para ti, que não é minha!
Quem ousa ter uma chama que inflama
um só ser? Tenho uma fogueira para ti:
com toros de exuberantes pinheiros,
pinhas estaladiças, um autêntico braseiro.

Tenho uma chama para ti e para o mundo inteiro!
Tenho, e não sendo minha: arde dentro de mim
trémula e ofegante, concisa e hilariante,
como arde o meu amor por ti,
puro e doido varrido, insubmisso e andarilho,
mas muito puro e verdadeiro!

Tenho uma chama para ti que comprei ao mundo
e não paguei com dinheiro, é elemento corrosivo
que nos destrói por inteiro. Tenho porque a roubei:
ao Pedro, à Teresa e ao zé-ninguém: moram todos
num lugar onde tudo é de todos e nada é de ninguém!

Esta chama é verdadeira, ilumina os olhos
das crianças,
e faz chorar quem vê o amor que vem de além.
É uma chama simples, que se eleva em alma
em quem não está bem, nem consigo
nem com mais ninguém... É uma invenção
de ilusionismo a quem chamaram Natal:
e eu digo que é fogo intenso e puro,
dentro de mim e de mais alguém!

“CANDO O POBO CONVOCA O POBO”

Cando o pobo convoca o pobo
acontece o milagre.

É a tradición que bate na porta,
e a familia unida quen abre,
unha irmandade a comungar
na festa común do fogar.

Cando centos e centos de brazos
pertencen a un mesmo corpo
teñen todos a mesma forza.
Ese é o máis grande abrazo,
a unión de mozos e mozas.

Como saber quen ergue a quen?
Ergue a xente o madeiro,
ou o madeiro ergue a xente?

É preciso xuntarnos na eira,
prender a fogueira,
distinguir o que ten que arder
do que debe permanecer,
berrarlle ao ceo:
alá van, consumidas, as nosas penas,
aquí fica, no corazón da vila,
a ledicia da terra, a vida!

Arde a madeira como o amor.
Entre faíscas e fume
ascende e atinxe o cume
o madeiro de Penamacor.

É no lume onde vemos
o que somos, fomos e seremos:
unha mesma comunidade
con ansias de liberdade!

Ó Madeiro, ó Madeirinho
Habitas na memória ancestral
deste povo raiano,
ó, madeiro, ó madeirinho
quantos troncos e pernadas
tens de azinho.

No dia da Imaculada Conceição
o povo sai à rua em devoção,
para saudar a tua chegada
imponente em procissão.
Os destemidos mancebos
erguem com coragem,
a tua silhueta corpulenta
dobrando o Cabo das Tormentas.
Como um Adamastor
impões respeito no alto da praça,
paredes meias com a igreja de S. Tiago
esperas não causar nenhuma desgraça.
Com missa do galo em fundo
da raia sopra um vento cortante,
em teu redor entoam cânticos
alguns fadistas debutantes.
Com a samarra despida,
o fogueiro atiça o madeiro,
nos idos de dezembro
aqueces qualquer romeiro.
Ó, madeiro, ó madeirinho
já vai longo o serão,
para molhar as gargantas secas
trás lá o vinho do garrafão.
Nas palhinhas deitado
dorme o ungido do senhor,
quando nos aqueces ó madeirinho,
os velhos recuperam o calor.
Uma tradição secular
dispensa a inovação,
mas este ano ó madeirinho
tem paciência e contenta-te,
passas só na televisão.

Helena Villar Janeiro

LUME NA FRAGA

Arde a madeira. Rematou o edén
da árbore viva, ergueita,
do canto sulagado do río que serpea outonizo
en conversa telúrica coa folla.

A borralla quentando a fumegada
que deixou a paisaxe
fai tremer a unidade do mundo que sustenta
co misterio do bosque as pisadas do tempo
vestidas de madeira.

Ardeu
o canto vertical dos ouriolos
o reloxo dos cucos,
a axilidade aérea de esquíos e xenetas,
e a conca dun chan triste que xa esquecera a chuvia
cando lle guindou lume a boca dun dragón.

Alzadas contra a esterpe de todas as razóns,
as lapas arrancaron o útero e os seos
da terra fecundable que amostra na madeira
o esqueleto dos cérvidos arbóreos.

Só a desolación
da cinsa gris cal cabeleira cana
do tempo despenado
permanece e lamenta a condición
de algo que foi paisaxe e xa só é
beleza consumida, vida ausente
baixo dun sol sombrizo
e dun luar que sangra na corteza
da fraga calcinada.

Se algún canto saíse
pegado aos esqueletos que descarnou o lume,
soaría a estertor e a *dies irae*.

DEPOIS DO RIO LEVANTARAM PERTO

A sílaba dos fogos, e do passo, muro curto,
Soubemos então um horizonte tomado.
Que tão doce vem a música e o braço
Por caminhos novos um novo corpo
Apetece começar, e dançamos no gigante da fola
O país só para ti imaginado.
É passo de brincar mas o castelo sobe no rigor,
Passagens noutros textos buscando tema
E os pulos, na cabeleira da palavra
De maneirismos e entusiasmos bailados.
É passo de brincar e percute nos estudos,
Aceita contigo o fim de tarde partilhado
Gramática de dedos com dedos metidos.

O fogo e nossas tentativas vãs
"Na brasa da fogueira mal ardida
renovo o fogo que perdi,
acendo, ascendo, ao lume, ao leme, à vida".

Pedro Tamen

Assim Deus trespassa a chama da palavra
para ser em sua crença mais do que o meu próprio
sopro em seu retesado e puro arco, um puro
e renovado clarão é o acentuado e inteiro madeiro
que sustenta altivo o verbo que fervilha
sob o suspenso e inquieto corpo do mundo,
e nos vestígios do fogo "se a mão fia a estriga
e a retoma do nada", uma noite espontânea renova
a memória em seu fulgor vacilante que se evola
na geometria de um coração em Solstício de Inverno.

Ah, eu não ouso possuir um deus em que a nova
promessa possa vir a ser um verbo adulto
em meu impuro silêncio despertando as árvores
e oferecendo nome aos dias de dezembro,
a beleza do golpe da língua sob folhas de laranjeira.

Então vou crer em algum deus que eu vislumbre
Sob o nascimento do fogo em algum madeiro sagrado
e nele, minha língua ébria ao tumulto do universo.

Amassar o nada no nada absoluto é de um esplendido
sensível erro singular, nunca há tempo. Há o corpo,
o fogo e nossas tentativas vãs – nelas garanto a alforria!

Joaquim Cardoso Dias

PROFECIA DE INVERNO

é do fogo
que aquece o lume
com os dentes mordidos

esse fogo
sem vestígios
do fundo das águas
ou do vento

por um rápido instante

o incêndio de enunciar
a noite mais fria
dos nossos braços

José Miguel Santolaya Silva

TRADICION

De griegos a latinos, al centro
de la tierra: Beira Interior Pirosfera
A Penamacor Pirosfero de Portugal

"Dicen las Tradiciones de Abuelos
Cuando eran mozos, iban al monte
Cortaban el mejor tronco "grejino"
Montan en flanco a la fortaleza ...

Celebraban fiestas de nascimientos
Con cantos y oraciones latinas...
Hoy celebramos la Virgen Concepción
Santa Patrona de Beira Interior.

En todos los rincones de Portugal
Recorridos levante a poniente
No hay un Faro Vigia: el castillo
Que contempla con amor dominador
desde la mar Atlántica a
Castilla
Es nuestro Castillo de Penamacor"

Leocádia Regalo

IGNIS

No teu nome convergia
a incandescência da chama
quando te pressentia
na urgência da sombra
que cairia como um manto
marchetado de estrelas.

No teu nome concentravam-se
uma origem terrestre e o celeste destino
pois volátil surgias
como forma incorruptível
porém efémera.

No teu nome se inscreviam
a força avassaladora das marés
o ímpeto rigoroso da monção
o espírito renovador e
a faísca penetrante da intuição.

No teu nome volteavam
as fúlgidas espirais de luz
a fascinar os olhos súplices
do meu colo arrefecido.

CANTO DANÇADO DE OUTRA MAN[D]EIRA

Do invisível ascende o fogo,
o vidro da janela é um dióspiro ondulante
contempla-o o meu corpo tão derreado
como os retratos a sobrar nas paredes
medindo a ausência dos sorrisos sentados
nas cadeiras desertas sobre os calços da noite

Ileso apenas o reflexo minicioso dos bolores
e fungos e nicotina alastrando à casa aos umbrais
e ao fogo adormecido
na mesa de pedra
vazia de comensais

O meu pensamento abeira-se do vidro
para olhar o abismo luminoso
na escuríssima praça estrelar
onde um fogo antiquíssimo,
aceso pelas mãos de Heraclito, o Obscuro,
afaga a pele de neve encrespada
arremessada à confusão dos céus
e corrige as mãos do tempo maior que o tempo,
flores rubras abrindo-se

O pensamento, austera substância calcinada,
fita os contornos dos vultos aéreos mirambolantes
concentrados na luz,
vê o modo como recapitulam
o mecanismo do canto
na teia de bocas automáticas quase
emaranhadas no madeiro: no poema
que treme range se eleva e soa

Vultos cantantes e dançantes: só de observá-los
o pensamento volta-se para o lado canhoto da tristeza
onde a noite é menos escura na ronda do coração
e aprende quão lesta é a alegria e os seus ossos em brasa,
brocados de vime e de vinho
entre o movimento e o movimento
amolando a lâmina do desconserto
e os mil modos de padecimentos

Eclodem lutos nos lenços atados ás gargantas
das mulheres sem idade
que se juntam ao fogo, à sua fábula,
arrastando para o canto iluminadas missas
drapejando archotes de ternura sábios e cansados
espiando o destino do mundo:
folia danação melancolia - a azul delícia do lume

O pensamento volta a ser parte do corpo,
encalha nele vestígios de luz
de barcos presos nas escalas do olhar
inscreve-lhe na carne o canto breve de treva e fortuna
a dança da insónia de um fogo disputado à cinza,

Um fogo escorrendo na memória, quase nada quase tudo,
que escreve a sangue o dom que vai de uma mão à outra
imagem que a boca estende e poisa na mesa, contágio
e prenúncio da neve no avesso do corpo, cego fogo

Que se desata do pensamento para assomar à janela,
é mudo o seu canto e imóvel a sua dança,
vê o movimento dos vultos remexendo as pregas das cinzas,
decreta um anjo das fogueiras que emudecerá a morte,
estreitará a sombra tão maior do que a vida que nos cabe

Regressado da janela, o corpo olha à volta e não lume
e não o sangue perfurado do fogo
e não o mundo e não a lembrança
só três ovelhas de faiança na sua imobilidade lascada
sobre a ficção de um quadrado de musgo
e balido nenhum

Ao alto uma estrela de papel a pender do pinheiro de plástico
onde mil garças 100% algodão imitam o cair da neve
e a gula das Parcas a ferir na mesa do lado mais nítido
da solidão do corpo-pensamento
ardendo em torno
como lenha seca

Luís Castro Mendes

O MADEIRO

Trago calada a memória da infância
onde ouvi cantar esta toada ao longe.
Ardia talvez um madeiro na pedra de um lar
a pouca distância da nossa casa.
O frio era tão duro que já dele me esqueci
como de tudo o que nos rodeava de silêncio
na enegrecida altura daquele lugar.
Só sei que deveria ser Natal, Beira raiana onde nasci,
e que eu ouvia cantar, nítido contra o frio e a lonjura,
aquele coro que vinha de longe ter connosco
desafiando o céu e a solidão.

E viva o madeiro
Que ainda está inteiro

DE QUE COR SÃO OS OLHOS DO FOGO

Mãe de que cor são os olhos do fogo?
- daquele fogo que faz o lume que transcende a noite,
a noite do lume enchendo a praça
de vozes e risos e esperanças e do absurdo da luz
sangrando sobre o tronco imponente da oliveira
que até há pouco se erguia sombrio sobre o seu falso respirar...

E, Mãe... que almas novas se levantam nas chispas,
como dizia a avó, em que guardamos os desejos,
e queremos voem para encher esta noite de brincadeiras com as estrelas.
E elas, tão pequeninas, como os *luzecu*, saem em correrias de dentro
dos madeiros da oliveira ferida, do pinheiro bravio, Mãe, não vês?
Parece que fazem uma vereda no meio do breu, por onde os meninos
podem encontrar o dormir no aconchego dos braços do sonho...
É só nesta noite, no madeiro que nos agasalha como pedras à calçada da praça,
que se levantam estas labaredas, Mãe?
Tão grandes que são e têm braços cabeças olhos pernas vivas como cantigas de arraial...
mas os olhos, Mãe... de que cor são os olhos deste fogo?

E, repara,
como vão por essas azinhagas de nós próprios as sombras das labaredas,
invadindo-nos as janelas,
abrindo as praças onde não chega a nossa memória
levando um calorzinho tão bom, Mãe...

Parecem gatos ronronando por trás de varandas interiores
onde os loucos pintam as sombras que fazem desta a noite húmida adiada.

Mas, Mãe,
não sou capaz de ver a cor dos olhos desse fogo que nos junta neste dia em que a noite se ilumina
como quando o sol queima os cabelos nus de palha,
criando uma matéria de essência madura entrando pelas portas dentro desta praça
feita de casas e rochas assombradas
como rosas sangrando os espinhos nas gargantas parindo a loucura ...

E sabes, Mãe!? De mãos dadas, encostadas às paredes, as labaredas abraçam-se...
Eu vejo, Mãe... tu não vês?
dizem segredinhos e riem tanto... e contam histórias dos avós que já não estão,
dos seus tempos feitos risos à volta do nosso fogo,
de fragas cristalizadas entre nevoeiros e fomes.

Mas a cor que tem os seus olhos ausentes, Mãe, eu não a sei...

E com a manhã acordada, sabes Mãe, queria ser regresso ao interior deste fogo,
para sentir o voar do sol sobre todos os lugares passados,
para ouvir a voz dos relógios das igrejas que guardam o silêncio no fundo do vale.

Manuel Silva-Terra

A Terra não arde
mas o sangue arde

A água não arde
mas o coração arde

Nós ardemos
mas Tu alimentas a combustão.

Maria Toscano

POEMA SOBRE ISTO DE NASCER SOB UM SIGNO “TERRA” E NÃO SÓ

aninho-me num ramo promissor.

abrigo-me num rebento sedento.

sou o madeiro da vagem da labareda e do ardor.

sou a seiva do caule.

sou a selva e a serra.

a savana. a escarpa. a montanha. o olival.

distintos passos me virão ver.

distintos olhos me alcançarão.

distintos braços me vão sentir.

persisto entre a noite e o dia
de madrugada
em alta voz do sul entoando o cante magistral.

“dá-me uma gotinha de água”
- canta o povo há eras sem saber/
que toda a terra se faz para correr/
pois em mim se habita toda a terra.

E toda a terra me une a quem a saiba merecer./

E toda a terra se refaz neste requebrado crescer
entre a raíz e o voar.

Nazaré de Sant' Ana

INTERLÚDIO DE DEZEMBRO

"Vê onde, com alados pés, o filho
Do Céu extingue a luz da aurora oblíqua".

Elizabeth Bishop

Todas as cidades anoitecem
com a noite, trémulas no puro ardil
de sua antiquada melancolia,
é a sua distinta condição de fogo;
têm corpo, silêncio, falas ocas
e moções de cinzas, casas sitiadas
como o crepúsculo que atravessa
o rio alavancado na Portagem
de uma noite onde a luz é um único
cálculo de danos e promessas anuais,
há um fado invisível após canto
invisível, um tronco desperdiçado –
serão mais tristes na distância da aldeia?

Quando a aldeia se senta exposta
nos grandes átrios da noite
sob a estrela entre mil estrelas,
recreações de labaredas, escaleiras
de calor de corpos que redopiam
no meio de ruidosas vozes primaveris
e um madeiro sob abóbadas de chumbo
de uma crença, um menino,
um poente sonâmbulo de mundo
e a noite sobe, despenha-se
sobre a génese do brilho de dezembro
que não está nunca nas doutrinas –
será mais feliz no intervalo da cidade?

AFLUENTES DA LUZ

O que vês é ainda murmúrio do devir,
do madeiro que há-de aquecer o nascimento
e as sombras da noite.
O fogo sobe aos céus porque Tu és
e a esperança Te prolonga até aos nossos dias
cada ano, braço a braço, toro a toro,
em sonância a música dos braços crescendo para o céu
empilhando, crescendo dentro do frio.
Penamacor conhece a urgência da chama
nos dias desamparados
em que o tempo gélido devora as almas
e dissipa o corpo em febre e tantas chagas.
O Novo prepara-se e é lume que respira
ininterrupto, tão alto que erguemos a face para a altivez
da bondade acesa sem inércia,
sem sigilo como um mar aberto,
sem as ambiguidades dos cínicos do templo
juntando as mãos em pragas e respostas.
Uma névoa tolda-lhes o rosto
agora que nasceste e uma brisa se espalha
e expande no calor ardente pelos dias
nos meandros do mundo exausto
que esta terra renova cada ano.

"Día de Navidad, de noche
ha de nacer el Niño;
¿cómo se ha de llamar?
– Emanuel, verbo divino."

A. Salvado

Escucho el fuego, ilumina la noche,
se van quemando las horas del frio eterno.

En la oscuridad incandescente
mi miedo se ahoga entre llamas,
cenizas dibujan del amor las sombras.

O Madeiro, sigue ardiendo.
su hoguera alimenta mi Fé.
Villancetes en el aire danzando,
celebran al Niño nacer.

Cuando las estrellas reluzcan,
la última centella se desmorona.

Es Navidad, esperanza, alegría,
es principio de Redención.
Es el encuentro con el Niño Dios.

Estes fólios de poesia foram lançados online, com muita esperança, no dia 23 de dezembro, de S. João Câncio, padroeiro dos professores e dos peregrinos, no maldito ano de 2020 da Pandemia COVID-19.

Aurelino Costa / António Salvado / Alfredo Pérez Alencart / António Teixeira e Castro / Carlos Da Aira / Carlos Cruchinho / Helena Villar Janeiro / Hugo Milhanas Machado / João Rasteiro / Joaquim Cardoso Dias / José Miguel Santolaya Silva / Leocádia Regalo / Luís Filipe Pereira / Luís Castro Mendes / Miguel Rego / Maria Toscano / Nazaré de Sant' Ana / Rosa Alice Branco / Stefania Di Leo

MUNICÍPIO DE PENAMACOR

PENAMACOR Vila Madeira A CHAMA DA TRADIÇÃO